

RESENHA DE LIVRO

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Tradução Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Morales, 1979.

FERNANDA ADORNO MARTINS

O obra “Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire” foi publicada pela editora Cortez e Moraes no ano de 1979, possui 53 páginas. O livro tem como conteúdo: apresentação, prólogo e três partes: o homem e sua experiência, alfabetização, conscientização e práxis da libertação.

O Diretor da Associação de Publicações Educativas Cecílio de Lora, traz à memória em sua apresentação dois importantes acontecimentos ocorridos: Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968) e a Conferência de Ministros da Educação (1971) em Caracas. Ressalta a importância destes dois eventos e seus respectivos temas que evocam a ideia de uma educação libertadora e a conscientização que outrora de forma sublime e não obstante tão atual demonstrada nas palavras de Paulo Freire de forma efêmera.

Antes da primeira parte, no prólogo, a equipe INODEP (Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos) sediado em Paris na qual Paulo Freire fora presidente de uma dessas organizações inicia trazendo informações primárias para situar o leitor. Ousadamente atribui a Paulo Freire adjetivos intrínsecos dando significados próprios a ele ao declarar Paulo Freire: “um homem, uma presença, uma experiência”.

“Um homem”, que é preenchido com todos os eventos que acontecem e que representa sua localização na dimensão espaço temporal de sua existência.

“Uma presença”, que “hoje” é presente, e “ontem” é passado e “amanhã” é futuro, criando forma neste exato momento em que você lê essas palavras, existindo em algum lugar dando significado.

“Uma experiência” com princípios arrojados e inovadores de alfabetização, conscientização e educação para a democracia deixando seu legado para que a luta e interesse possam ser significativas a nossa herança humana. Para Schugurensky (2014): “Freire forneceu uma contribuição inestimável para a alfabetização de adultos, para educação popular e à compreensão do papel da cultura na reprodução social e mudança social, não apenas nos países em desenvolvimento, mas também nos desenvolvidos” (p.10).

Na primeira parte, “Homem e sua experiência”, anuncia a si mesmo principiando sua existência e descendência genealógica na vida: em 19 de setembro de 1921, em Recife, Estrada do Encanamento, bairro da Casa Amarela, seu nascimento e seu genitor Joaquim Temístocles Freire, do Rio Grande do Norte, oficial da Polícia Militar de Pernambuco.

Para seu pai, utiliza o pronome possessivo “meu”, ressaltando virtudes peculiares a ele: espiritista, bom, inteligente, capaz de amar e finaliza com um adjetivo demonstrando a permanência e referência que tem de seu pai que não pode ser suprimida mesmo após sua morte. Sua mãe, Edeltrudes Neves Freire, de Pernambuco, católica, doce, boa, justa, destaca a sua fidelidade cristã diante de sua vida com sofrimento. Seus pais ensinaram sobre o diálogo com sua família e o respeito pelas crenças alheias.

Já em Jaboatão, após uma eventual crise entre 1929 e 1931 sua família teve de se adaptar à nova realidade. Novas perspectivas levaram Freire a experimentar situações amargas (morte do pai, fome e a fome dos demais, dor e sofrimento) mas que em contrapartida vislumbrou outras experiências positivas (jogou bola com os meninos do povo, nadou no rio e contemplou uma mulher despida).

Sua vida permeada de lutas o fez “Homem” e o fez enxergar quão grande o mundo era e que os outros precisavam e tinham dificuldades maiores. Percebeu ainda tão jovem que de alguma forma ele com sua “presença” e “experiência” que tivera devia de alguma forma fazer algo palpável e concreto para modificar o mundo

que ele estava descobrindo aos 10 anos. Embora fosse criança as dificuldades não foi motivo para desesperança, via uma luz no fim do túnel: “não me submergiam nas sombras da desesperação”(p.9).

Insistiu em enfatizar suas dificuldades demonstrando sua resiliência frente às adversidades e suas conquistas foram notáveis: “(...) fiz meu exame de admissão ao ginásio aos 15 anos, aos 20 curso pré-jurídico...”, muitas leituras, “Serões Gramaticais”, de Carneiro Ribeiro, a “Réplica” e a “Tréplica” de Rui Barbosa, alguns gramáticos portugueses e outros brasileiros, estudos de Filosofia e Psicologia da Linguagem, obras básicas da literatura brasileira e algumas estrangeiras enquanto me tornava professor do curso ginásial” (p.9).

Tornou-se professor de português, casou-se aos 23 anos em 1944, teve 5 filhos afastou-se da igreja, nutriu-se com leituras de Tristão de Atayde, Maritain, de Bernanos, de Mounier e outros.

Suas preocupações com os problemas educacionais surgiram a partir do seu casamento com Elza, e seu diálogo com o povo prosseguia no trabalho do tipo assistencial, no departamento de Serviço Social. Foi diretor do Departamento de Educação e de Cultura do SESI, em Pernambuco, e depois na Superintendência, de 1946 a 1954. Estes trabalhos foram motivadores e levaram Paulo Freire “as primeiras experiências que me conduziram mais tarde ao método que iniciei em 1961” (p.10). Neste sentido, Lemos (2010) destaca que é:

de extrema importância e atualidade resgatar o pensamento de Paulo Freire no século XXI, para que possamos assegurar na Educação de Jovens e Adultos a incorporação da experiência cultural e social vivida pela comunidade como objeto de reflexão e análise crítica na escola. (2010, p.10)

Tudo isso foi abalado pelo golpe de Estado em 1964 que o levou a prisão por cerca de 70 dias e vários interrogatórios pois “o que se queria provar, repito, era o perigo que eu representava”(p.10). Foi considerado como um “subversivo internacional”, um “traidor de Cristo e do povo brasileiro” e seu método “semelhante ao de Stalin, Hitler, Perón e Mussolini”. Todo empenho e dedicação no campo da educação de adultos e da cultura popular foi cerceado durante este tempo. Livre em setembro de 1964.

O autor ainda destaca o contexto Histórico da Experiência no Brasil evidenciando as relações entre o trabalho e a ascensão popular destacando o movimento de Educação Popular, o esforço do crescimento do sindicalismo rural e urbano, as greves dos trabalhadores agrícolas,

o triunfo da SUPRA (Superintendência da Reforma Agrária). O movimento em 1962 no Nordeste foi importante para que as taxas de analfabetismo diminuíssem já que eram bastante significativas: “15 milhões de analfabetos sobre 25 milhões de habitantes” (p.11). Em exílio no Chile seu método é utilizado em todos os programas oficiais de alfabetização embora fosse um método considerado subversivo no Brasil.

Na segunda parte intitulada “Alfabetização e Conscientização”, Filosofia e Problemática - Visão do Mundo inicia esclarecendo um termo utilizado por Freire em suas ideias centrais sobre educação, a “conscientização” que originalmente fora cunhado por uma equipe de professores do Instituto Superior De Estudos Brasileiros por volta de 1964 (filósofo Álvaro Pinto e o professor Guerreiro).

Uma visão de mundo não é estranha para a filosofia, mas é, em vez disso, sua manifestação mais elevada. O objetivo da filosofia é abordar as questões mais importantes de significado e valor, e com elas deve lidar no nível de visão de mundo. A conscientização “implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (p.15).

Ela é prática, tangível e não desvinculada da ação-reflexão. Permeia o conhecimento do homem baseando na compreensão de sua história e existência. Uma introspeção de sua relação com o mundo num ciclo transformador. Compartilhamos com a visão de Costa (2016) ao afirmar que:

De fato, vemos no texto freireano uma constante referência ao potencial humano que há de sobressair de uma mudança de curso na ótica dos problemas, quando os entraves das acomodações ao real são desnaturalizados e passam a ser vistos como elementos de um contexto mais complexo e frutífero, possível de ser superado. (COSTA, 2016, p.10)

A conscientização, que se apresenta como um processo num determinado momento, deve continuar sendo processo no momento seguinte, durante o qual a

realidade transformada mostra um novo perfil” (p.16). Neste sentido a educação como prática da liberdade é reflexo da conscientização.

O autor apresenta a relação existente entre a utopia e a conscientização: “A conscientização nos convida a assumir uma posição utópica frente ao mundo, posição esta que converte o conscientizado em “fator utópico” (p.16). Para alcançar uma realidade que transcenda o superficial e se transforme em resistência e luta essa “conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia” (p.16). Ainda “a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a “desvela” para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante” (p.17).

O estado das coisas “status quo” é uma preferência que as coisas permaneçam iguais. Em certo sentido, é uma aversão à mudança. Aderir a esse viés é problemático. O status quo pode ser reconfortante porque é fácil - não exige que desafie a nós mesmos ou aos outros. Não exige que corramos riscos ou possivelmente estejamos errados com as alterações feitas. é hora de desafiar a maneira como tem sido e pensar no que pode se tornar”(...) e chegar à plena realização do trabalho humano: a transformação permanente da realidade para a libertação dos homens” (p.17). Desafiar (e mudar) o status quo pode ser assustador. Frequentemente, requer coragem e vontade de ir contra a corrente, enquanto potencialmente bate de frente com outros que são menos abertos a novas ideias.

Compondo a educação e a conscientização, o educador expõe quatro(4) proposições a que denomina “ideias-forças”. Na primeira, a educação é consequência da vocação original do próprio ser humano e aquilo que torna sua realidade e contexto de vida. Na segunda proposição a consciência é exercida a partir de uma reflexão levando a uma mudança do que realmente existe e é real. Em contrapartida a terceira ideia-força ressalta a temporalidade humana e seu encontro estabelecido com o outro dando significância a sua existência. Conclui com a quarta proposição enfatizando que para o homem alcançar esses ideais é preciso “educação autêntica: uma educação' que liberte, que não adapte, domestique ou subjugu”(p. 22).

No processo metodológico expõe o método de alfabetização demonstrando o sujeito como ponto central no processo. A primeira etapa da metodologia Freire é “identificar os problemas” e neste sentido, alunos e educadores geralmente se engajam em algum tipo de pesquisa participativa sobre os problemas. Os educadores também precisam conhecer os alunos fora do problema. Isso inclui conhecer a vida profissional e escolar dos alunos e os problemas que os alunos enfrentam continuamente.

O segundo passo é produzir uma representação material (código) do problema ou, como diria Freire, do tema gerador. Os alunos podem criar algo, que represente os problemas em questão. O educador então instrui o grupo a comparar e discutir a lista, com o objetivo de criar uma lista de problemas que represente todas as preocupações dos membros do grupo. A terceira etapa é para que os indivíduos ou membros do grupo descrevam a situação, mostrada no código, para o educador. Os participantes são convidados a definir os problemas da situação e a fazer a ligação entre eles e os problemas. O quarto passo é para alunos e educadores resolverem - proporem; em outras palavras, para se perguntar por que isso está acontecendo e quais são as causas imediatas e raízes desses problemas? Isso envolve fazer com que os alunos e os educadores analisem o problema a partir de três perspectivas; (1) o pessoal, (2) o cultural e (3) o institucional / político.

A etapa final envolve os participantes discutindo um plano imediato para resolver os problemas e um plano de ação de longo prazo. As três etapas básicas desta metodologia: ver, analisar e agir são repetidas continuamente após as mudanças na situação vivenciadas pelos participantes. Freire acreditava neste processo, que ele descreveu como práxis, levou à “conscientização”; o desenvolvimento da consciência crítica por parte do sujeito. “Para que a alfabetização não seja puramente mecânica e assunto só de memória, é preciso conduzir os adultos a conscientizar-se primeiro, para que logo se alfabetizem a si mesmos” (p.26).

A terceira parte e última nomeada Práxis da libertação destaca três palavras chaves: a opressão que é definida apresentando o opressor e o oprimido com dois momentos distintos e sequenciais: a tomada de consciência da realidade que o

indivíduo vive como ser oprimido, sujeito às decisões que os opressores impõem; à iniciativa dos oprimidos de lutar e se emancipar dos opressores.

Freire não acredita que a situação vivida consista apenas em uma simples consciência da realidade. Em vez disso, ele acredita que o indivíduo tem uma necessidade histórica de lutar contra o status que habita dentro dele. Os esforços dos oprimidos tornam-se focados e concretos no tipo de aprendizagem que realmente a escola deveria lhes dar, ao invés de encorajá-los a se adaptarem à sua realidade, como fazem os próprios opressores. Embora a realidade do oprimido não seja a vontade de Deus, embora Ele não seja o responsável pela situação opressora, em uma sociedade sem consciência tais situações são apresentadas como normais.

Essas circunstâncias ocasionalmente provocam uma violência horizontal equivocada entre os próprios oprimidos em seus esforços para alcançar a emancipação. Além disso, os opressores acusam aqueles que se opõem a eles de serem desobedientes, irresponsáveis, depravados e responsáveis por sua própria situação, apesar do fato de que, mesmo que esses adjetivos às vezes se apliquem, eles são realmente uma resposta a ser oprimido e, em última análise, o resultado da exploração a que essas pessoas foram submetidas.

Na dependência a situação fica ainda pior quando os oprimidos aceitam essa realidade e se adaptam a ela sem questionar ou mesmo tentar mudá-la. Isso gera no oprimido uma dependência emocional que parece irrevogável. É necessário, portanto, que esses indivíduos se conheçam para iniciar a luta por sua inexorável emancipação. Neste seguimento a partir do Fenômeno Relacional da Dependência do Caso Latino-Americano apresenta a realidade histórico-cultural a qual denomina “cultura do silêncio”.

A marginalidade, uma visão errônea dos analfabetos, como homens marginalizados é consequência de não compreender a realidade em relação à qual os analfabetos são marginalizados. Os analfabetos não podem ser considerados “a beira ou a margem de”. Aceitando que o analfabeto seja uma pessoa que existe à margem da sociedade, vemo-nos conduzidos a considerá-lo como uma espécie de

“homem doente”, para o qual a alfabetização seria medicamento “curativo”, que lhe permitiria “voltar” à estrutura “sadia” da qual havia sido separado(p.39).

Nesta perspectiva abordando sobre a Nova Relação Pedagógica, evidenciando a importância da sensibilização por parte dos educadores para que esses não influenciem seus educandos, por suas posições e ponto de vista individuais e entendam que a educação libertadora através da conscientização, precisa ser alcançada através da construção de seus próprios caminhos e seleções, e não apenas dentro de um ponto de vista de mundo desagregado. “A escola sozinha não transformaa sociedade” (BARBOSA, 2004,p.10)

Por conseguinte, Ação Cultural e Revolução Cultural, “Numa perspectiva não-dualista, o pensamento e a linguagem, que constituem um todo, se referem sempre à realidade do sujeito pensante” (p.44). Para se alcançar uma revolução cultural é necessário eliminar os aspectos culturais negativos, para que esses não reproduzam os modelos anteriores, todavia, desenvolvam o pensamento crítico da realidade, conscientizando da necessidade de libertação das estruturas opressoras e desumanizantes. “Ação cultural e revolução cultural supõem comunhão entre os líderes e o povo como seres que transformam a realidade” (p.46).

Embora tenha sido escrito em 1979, as palavras são atuais. O ser humano está em constante construção e implantação de sua consciência no mundo, é inacabado, insatisfeito e recriador constante de suas condições existencial na medida em que é moldado com os outros, mas não nos outros (CARRILLO, 2009, p. 11).

Paulo Freire institui o filosófico, o antropológico e o pedagógico de sua ideia do ser humano como estando imerso na tarefa permanente de ter que ser construído como sujeito. Com consciência, o ser humano reconhece na dupla dimensão da abertura para o mundo e suas relações, como busca de autoconsciência no mundo; mas também, a necessária problematização de si mesmo, na medida em que exige do ser humano a consciência de si inacabado.

Entender Paulo Freire como intelectual de fronteira significa dizerque seu pensamento vem se alterando em função do tempo e do contexto histórico que se encontra inserido, seja no exílio, seja na África, América Latina, América do Norte ou Europa. A atualidade do

seu pensamento não se restringe a fronteiras sociais, culturais e políticas. (OLIVEIRA; SANTOS, 2017, p.15)

Com essas implicações, a consciência se distancia de ideias fixas, estáticas e definitivas de consciência, para assumi-la como um processo constante, onde o sujeito nunca acaba de se fazer, reconhecendo-se como uma tarefa constante, para ser vista como uma tarefa árdua.

Referências:

BARBOSA, M.S.S. O papel da escola: obstáculos e desafios para uma educação transformadora. Dissertação de mestrado, UFRS, 234 f., 2004.

CARRILLO, A. T. Educación Popular y nuevos paradigmas: desde la producción del CEAAL entre 2004 y 2008. In: La Piragua: Revista Latinoamericana de educación y política, Panamá, n. 28, 2009.

COSTA, B.B. Paulo Freire: educador-pensador da libertação. Pro-Posições, v. 27, n. 1 (79), p. 93-110, jan./abr. 2016.

LEMOS, S. D. Vilela. A atualidade do pensamento de Paulo Freire na educação de jovens e adultos no século XXI. 2010. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, I. A. de., SANTOS, T. R.L dos. .A educação de Paulo Freire - Andarilho da utopia - em diferentes contextos. Inter-Ação, Goiânia, v. 42, n. 1, jan./abr. 2017, p. 1-19. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v42i1.43631> acesso em 01 dez. 2021.

SCHUGURENSKY, D. The legacy of Paulo Freire: a critical review of his...Convergence, v. 31, p. 1-4.

AUTORES:

Fernanda Adorno Martins, *Graduado em Ciência da Computação da Universidade UNITRI, Uberlândia-MG, Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica, Campus Parque tecnológico, Uberaba-MG. E-mail: fernandaadorno2019@gmail.com*